

REFLEXÕES SOBRE AS ANALOGIAS PSÍQUICAS ENTRE BEBÊS E ADOLESCENTES

Reflections about the Psychic Analogies Between Babies and Adolescents

ADRIANA DAVOGLIO RIBAS¹

RESUMO: A partir do seu trabalho psicoterápico com pais-bebês, a autora interessou-se pelo livro “Sobre a Psicoterapia Pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão”, de Bernard Golse (2000), principalmente, pelo capítulo intitulado “Psicoterapia do bebê e do adolescente: convergências”. Tomando o mesmo como referência teórica, propõe-se a refletir sobre as analogias existentes entre bebês e adolescentes, no que diz respeito ao seu funcionamento psíquico. Nesta linha, elege como ponto de partida o estudo das pulsões, enfocando também a prevalência da comunicação pré-verbal e do narcisismo sobre a objetividade, bem como a importância do corpo e da agressividade até chegar na crucial etapa de separação-individuação, tarefa central no processo de amadurecimento da criança e do adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: Pais-bebê. Adolescência. Psicoterapia.

ABSTRACT: Based on her psychotherapeutic work with parents-infants, the author became interested in the book “On Psychotherapy Parent-Baby: narrativity, filiation and transmission”, by Bernard Golse (2000), mainly in the article entitled “Baby Psychotherapy and of the adolescent: convergences”. Taking the same as a theoretical reference, it is proposed to carry out a reflection on the existing analogies between babies and adolescents, with regard to their psychic functioning. In this line, it chooses as a starting point the study of drives, also focusing on the prevalence of pre-verbal communication and narcissism over objectivity, as well as the importance of the body and aggressiveness until reaching the crucial stage of separation-individuation, task central to the child and adolescent maturation process.

KEYWORDS: Parent-Baby; Adolescence; Psychotherapy

¹ Psicóloga(PUC). Psicanalista(SPPA). Professora e Supervisora do CEAPIA e Contemporâneo Instituto de Transdisciplinariedade.

O Mundo

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. O mundo é isso — revelou — um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

“O livro dos abraços”, de Eduardo Galeano (p. 11).

Introdução

A partir do trabalho psicoterápico com pais-bebês, interessei-me pelo livro “Sobre a Psicoterapia Pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão”, de Bernard Golse (2000), principalmente, pelo capítulo intitulado “Psicoterapia do bebê e do adolescente: convergências”. Tomando o mesmo como referência teórica, propõe-se a realizar uma reflexão sobre as analogias existentes entre bebês e adolescentes, no que diz respeito ao seu funcionamento psíquico. É interessante observar o comportamento e o desenvolvimento dos bebês e dos adolescentes e constatar semelhanças incríveis relacionadas ao psiquismo de ambos.

Golse sugere que examinemos determinadas funções psíquicas do bebê e do adolescente, para que compreendamos suas convergências. Destaca a importância do estudo das pulsões, do narcisismo e da objetividade, da comunicação pré-verbal, da agressividade, da bissexualidade psíquica e, principalmente, o significado do corpo nestas duas fases da vida.

À medida que fui estudando o adolescente, fui-me reportando ao bebê: pensava no adolescente e, espontaneamente, recordava de situações semelhantes envolvendo bebês. Foram surgindo muitas lembranças, imagens e vivências que me conduziram a um exercício mental fascinante no sentido do ir e vir do desenvolvimento humano. Gostei muito desta dinâmica e, desde então, este trabalho foi ganhando corpo e mente.

Desta forma, a partir do exame dos mecanismos psicossomáticos, passando pelo processo de separação-indivuação, chegaremos à formação da identidade adolescente.

Refletindo sobre as analogias do funcionamento psíquico de bebês e adolescentes

Conforme ressalta B. Golse em seu texto “Psicoterapia do bebê e do adolescente: convergências” (2000), o estudo comparativo das modalidades de funcionamento psíquico de bebês e adolescentes revela-se rico em ensinamentos, uma vez que a adolescência é um período natural de reativação e de revivência de mecanismos psíquicos e de relações de objetos precoces. O autor refere que devemos considerar os efeitos *a posteriori*, os quais fazem destas retomadas funcionais algo mais do que simples reedições da infância na adolescência. Sua proposta é ler as especificidades do funcionamento psíquico na adolescência através do que aprendemos com os bebês.

Nesta mesma linha, temos as contribuições de Roussillon (2006), o qual destaca duas vertentes dialeticamente articuladas entre si: de um lado, a evocação de certas características das experiências precoces e, de outro, uma reflexão sobre o significado do porvir de tais experiências na psique em idades mais tardias.

Para iniciar, penso que devo fazer duas perguntas essenciais: Quem é o bebê? e Quem é o adolescente?

Há não muito tempo atrás, o bebê era considerado um ser inferior, sem vontade própria e muito limitado em sua compreensão e apreensão do mundo. Contudo, principalmente a partir dos estudos observacionais de crianças, como os desenvolvidos por Anna Freud (1926), Melanie Klein (1952), D. W. Winnicott (1963), Ester Bick (1968), John Bolwby, (1984), Margareth Mahler (1993) e, mais recentemente, por autores como Daniel Stern (1989), Bertrand Cramer (1997), Bernard Golse (1998), entre outros, as competências e o potencial relacional do bebê estão sendo cada vez mais estudados e valorizados na psicanálise atual. O bebê já não é mais visto como uma tábula rasa psíquica. Segundo Akhtar (2007, p. 55),

(...) o bebê concentra sensibilidades afetivo-motoras próprias nas interações que evoca e recebe dos primeiros cuidadores. Como consequência disso, uma amálgama psíquica dos potenciais intrínsecos da criança e as evocações maternas conscientes ou inconscientes destes constituem o “núcleo central” (Weil, 1970) do bebê humano.

Para Winnicott, “*this thing such a baby does not exist*”. Através desta famosa frase, pronunciada na década de 40, o autor chamou a atenção para o fato de que não há como descrever um bebê sem que este esteja incluído numa relação. Significa que um bebê não pode ser pensado sem a presença de alguém que exerça a função materna, inserido num ambiente, preferencialmente acolhedor e seguro, onde poderá desenvolver seu potencial de crescimento e amadurecimento.

E o adolescente? Peter Blos (1985) utiliza a palavra puberdade para indicar as manifestações físicas da maturação sexual e a palavra adolescência para indicar os processos psicológicos da adaptação à condição de pubescência. A

adolescência é vista pelo autor como a soma de todas as tentativas de ajuste ao estágio da puberdade, acompanhada de uma nova série de condições interiores e exteriores reestruturadas pelo indivíduo. A necessidade de enfrentar essa nova condição provoca todos os modos de excitação, tensão, satisfação e defesas que, em algum momento, já desempenharam um papel nos anos anteriores, isto é, durante o desenvolvimento psicosssexual da primeira infância.

As necessidades emocionais significativas e os conflitos da primeira infância devem ser recapitulados no transcorrer da adolescência para que sejam encontradas novas soluções, com objetos instintuais qualitativamente diferentes e com diferentes interesses do ego.

Segundo Anna Freud (1986), os dois períodos têm em comum o fato de que “um id relativamente forte enfrenta um ego relativamente fraco”. Ressalta que o fortalecimento egoico passa pela existência de um ambiente que seja continente da carga pulsional destas fases – primeiros anos de vida e adolescência.

Para melhor compreendermos a importância do recordar, repetir e elaborar na adolescência, vou em busca da origem da palavra recordar - raiz latina *re-cordis*, que significa “tornar a passar pelo coração”. Poderíamos, assim, considerar a adolescência como uma segunda chance para retomar registros e experiências infantis e, *après-coup*, elaborar conflitos e/ou transtornos que buscam um significado ou pedem uma resignificação.

Abre-se, neste período, uma possibilidade para que o adolescente possa sentir, pensar e expressar-se através de diferentes linguagens, acessando seu mundo simbólico, a fim de promover a integração das partes de sua personalidade.

Após ter definido, de forma breve, o bebê e o adolescente, procurarei pensá-los em termos psicanalíticos, buscando uma dinâmica que os aproxime quanto ao seu funcionamento mental, ainda que o tempo os separe.

Proponho-me seguir as diretrizes do desenvolvimento sugeridas por Golse² e buscar, também através das contribuições de outros autores, ampliar a compreensão metapsicológica e relacional do ser humano em dois momentos decisivos do seu desenvolvimento: sua condição de bebê e de adolescente. Tomando como ponto de partida o estudo das pulsões, vou seguindo uma linha de desenvolvimento até chegar na separação-individação, tarefa central para a aquisição da identidade do sujeito.

A intensidade pulsional: *As pulsões surgem de forma intensa na vida dos bebês, os quais vivem a constituição de seu aparelho psíquico e o desencadeamento de diversas problemáticas - oral, anal e fálica. Também os adolescentes, por ocasião da puberdade, se vêm confrontados com um movimento de repulsionalização muito intenso.*

Cabe aqui, portanto, retomarmos a definição de pulsão. Segundo Garcia-Roza (1995), a pulsão (*Trieb*) e, mais especificamente, a pulsão sexual, faz

² As contribuições de B. Golse estão em itálico.

sua entrada conceitual na obra de Freud nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905). Mas, somente em 1915, quando introduz a ideia de “representante psíquico”, refere que a pulsão é um conceito que se situa na fronteira entre o anímico e o corporal/somático, cujo objetivo é a sua satisfação. Contudo, como a pulsão não possui objeto específico, a satisfação não pode ser senão parcial, o que faz com que ela persista numa procura infinita, daí sua indestrutibilidade. Afirma, ainda, que a pulsão pode ser considerada um estímulo para o psíquico, apontando dois representantes psíquicos da pulsão: o *Vorstellung* (o representante ideativo) e o *Affekt* (o afeto). Cada um desses representantes pulsionais conhece destinos diferentes, que obedecem a diferentes mecanismos de transformação. Freud, inicialmente, distingue dois grupos de pulsões: as pulsões de auto-conservação, ou pulsões do eu, e as pulsões sexuais. Esse dualismo é mantido até 1920, quando o autor propõe uma nova dualidade pulsional: pulsões de vida (que passam a englobar as pulsões sexuais e de autoconservação) e a pulsão de morte. Sobre estas duas pulsões, em “O Mal-estar na Civilização” (1930), Freud refere que o nome “libido” pode ser utilizado para denotar as manifestações de Eros, a fim de distingui-las da energia do instinto de morte. Afirma que:

É no sadismo - onde o instinto de morte deforma o objetivo erótico em seu próprio sentido, embora, ao mesmo tempo, satisfaça integralmente o impulso erótico - que conseguimos obter a mais clara compreensão interna (*insight*) de sua natureza e de sua relação com Eros. Contudo, mesmo onde ele surge sem qualquer intuito sexual, na mais cega fúria de destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação do instinto se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, devido ao fato de presentear o ego com antigos desejos de onipotência deste último (p 125).

Acrescenta que esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, o qual divide o domínio do mundo com Eros.

Garcia-Roza (1995) destaca que Freud entendia que a diferença fundamental entre as pulsões seria dada pelas suas formas de presentificação no aparato psíquico, podendo ser concebidas de dois modos: o disjuntivo e o conjuntivo. “Se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo e mantendo uniões, conjunções, ela é dita ‘de vida’; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, ‘fazendo furo’, então ela é dita ‘de morte’”(p.162). Neste sentido, contrariamente à ideia da pulsão de morte como retorno às formas anteriores, temos a pulsão de morte concebida como potência criadora, posto que impõe novos começos ao invés de reproduzir o mesmo.

Segundo Meira (2012), se no primeiro momento de vida, a mãe salvou o bebê da pulsão de morte, que poderia tê-lo inundado desde dentro, agora será a mesma pulsão de morte que o tirará dos braços apertados desta mãe, quando ela não puder deixá-lo partir. No entanto, será uma pulsão de morte não mais em seu estado bruto, desligado, solto e caótico; mas uma pulsão de morte instrumentalizada pela pulsão sexual. Para Blos (1985), um pré-requisito para o

ingresso na fase adolescente é a consolidação do período da latência, caracterizada pela repressão das pulsões agressivas e sexuais.

A prevalência do narcisismo sobre a objetividade: *A dialética entre narcisismo e objetividade funciona ao longo de toda a existência. No bebê, por exemplo, é a problemática edipiana que vem suplantar a instauração do narcisismo primário. Na adolescência, a retomada edipiana e a necessidade de ultrapassar os limites do familiar traz à tona o narcisismo ligado às transformações (físicas e psíquicas) da puberdade.*

A fim de melhor compreendermos estas questões, é importante retomarmos o conceito de narcisismo. Conforme ressalta Garcia-Roza (1995), anteriormente ao artigo de Freud, “Introdução ao narcisismo”, de 1914, o narcisismo era associado à perversão – escolha do próprio corpo como objeto de investimento amoroso – e, a partir deste texto, deixa de ser concebido como perversão e passa a ser apontado como forma necessária de constituição da subjetividade. O narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu. Compreende que o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, a ponto de se constituir como o “grande reservatório da libido”, armazenador de toda a libido disponível. Esse momento é denominado por Freud de narcisismo primário. Posteriormente, o investimento libidinal passa a incidir sobre objetos (representação-objeto), o que corresponde à transformação da libido narcísica em libido objetal. O retorno deste investimento libidinal ao eu, após ter sido investido nos objetos, Freud denomina narcisismo secundário. Considerando-se que o eu é constituído pelas enunciações, pelos juízos de valor, pelas declarações de preferência ou de rejeição, uma forma particular que o eu toma é a do eu-ideal (*Ideal Ich*), imagem do eu dotada de todas as perfeições, sobre o qual recai, como diz Freud, o amor de si mesmo que, na infância, gozou o eu real. Já, o ideal do eu (*Ich ideal*), essa nova forma que toma a libido narcísica, é algo externo ao sujeito, exigências que ele terá que satisfazer e que ocupam o lugar da lei.

Deste modo, segundo Garcia-Roza (1995), podemos admitir o narcisismo secundário como sendo concomitante à escolha de objetos e, neste processo, a libido pode ser retirada dos objetos e passar a investir no eu, sendo indissociável de uma identificação narcísica, identificação ao outro, e não mais uma imagem isolada.

Neste mesmo artigo, Freud (1914), distingue dois tipos de escolha de objeto: o tipo anaclítico e o tipo narcísico. No primeiro, a criança escolhe como objeto sexual as pessoas encarregadas de sua alimentação, cuidados e proteção, em geral a mãe ou substitutos; no segundo, ela toma a si mesma como objeto de amor (o que ela é, o que foi e o que gostaria de ter sido). Esses dois tipos não se apresentam como puros e excludentes, pois todo o ser humano tem à sua frente esses dois caminhos na escolha de objeto.

Portanto, segundo Soulé (1980) citado por Golse (2000), o eixo narcísico é prevalente, pois o bebê deve “optar pela vida”, pelo viés de suas identificações primárias, enquanto o adolescente procura verificar sua integridade e vulnerabilidade narcísicas através de suas diferentes condutas de risco (esportes perigosos, uso de drogas, álcool, sexualidade...). Para o autor, os movimentos depressivos da adolescência são, com frequência, bastante intensos, pois acumulam dois eixos das depressões: o eixo narcísico e o objetal. As depressões narcísicas estão centradas no tema da vergonha, e as depressões objetais, na culpabilidade. Os adolescentes estão, de modo muito doloroso, envolvidos com as duas temáticas, assim como os bebês, pois nos dois casos podemos observar grande insegurança narcísica e a angústia da perda do objeto.

Kancyper (2007) define o conceito de autoimagens narcisistas, como suportes figurativos que representam o “sentimento de si”, os quais operam como ponto de partida para o adolescente relacionar-se consigo mesmo, com o outro e com a realidade externa. Tais autoimagens são desconhecidas devido a estarem constituídas por uma multiplicidade de processos inconscientes que permanecem vigentes na adolescência. O autor considera que em todo processo analítico se procuram elaborar as autoimagens narcisistas próprias de cada paciente.

A prevalência da comunicação pré-verbal: *Seja como for, esse tipo de comunicação analógica, típica do bebê e que existirá por toda a vida, retorna ao primeiro plano na adolescência, o que explica, em parte, as atuações ou actings out do adolescente (passagem ao ato e o não-pensar).*

Segundo Roussillon (2006), quando pensamos no adolescente, devemos considerar o fato de que as experiências subjetivas precoces foram vivenciadas antes da aquisição da linguagem verbal. Portanto, essas experiências foram registradas sob formas que precedem a representação verbal e deixam traços pré-verbais. Embora estas sejam registradas primitivamente, sob a forma como foram vivenciadas na época, uma parte dessas experiências se ligou posteriormente a experiências mais tardias, podendo ser reinscritas e representadas em formas verbais. Pode-se, então, pensar que uma parte de nossas experiências precoces foi depois integrada em nosso sistema de representações verbais, sendo transferida para o aparelho de linguagem.

O autor afirma que a primeira linguagem empregada pelo bebê é a linguagem do afeto. Porém, esta linguagem primitiva sofrerá modificações quando a vida emocional estiver ligada à linguagem verbal. Considera que o afeto contém uma mensagem que não concerne somente ao próprio sujeito, mas se dirige também ao outro, sendo provável que o bebê tente comunicar primeiro um estado psíquico ao outro, antes de comunicá-lo a si mesmo.

Através da clínica, observamos que há uma qualidade do afeto sem palavras, do afeto anterior às palavras, bem diferente do afeto inserido na linguagem. Por essa razão é que se torna tão importante, no tratamento, que os estados internos possam encontrar um meio de se ligarem às representações de coisa, que domesticam os afetos, o que significa promover um espessamento do sistema pré-consciente quando, então, a representação-coisa poderá tornar-se representação-palavra.

Roussillon (2007) destaca que existe ainda outro registro da comunicação primitiva: o ato. Através do ato, o sujeito procura fazer com que o outro sinta aquilo que ele não consegue dizer, procura fazer com que sejam vividas ou mostradas experiências que fogem à linguagem ou a antecedem. Considera que o ato implica, muitas vezes, um processo de evacuação e de exteriorização, mas reconhece o seu valor mensageiro, ou seja, procura entendê-lo como um modo de expressão de estados internos que fogem da inscrição verbal.

Segundo o autor, a articulação da experiência primitiva com a expressão verbal pode efetuar-se de diferentes maneiras. Sendo uma delas denominada, por ele, de “retórica da influência”, a qual se refere ao uso do aparelho da linguagem verbal como aparelho de ação: o aparelho de linguagem retoma mímicas, gestos, posturas da experiência primordial e os integra na trama de seu funcionamento. O estilo conta a experiência primordial sem que esta seja evocada pelas palavras em si, ou seja, através da maneira como o sujeito vai usar os aspectos não verbais do aparelho da linguagem, a prosódia, o tom que a acompanha para comunicar a experiência subjetiva não verbal.

Assim sendo, retomando Golse (2000), não é difícil constatar que este tipo de comunicação retorna, com força, na adolescência, uma vez que o adolescente se utiliza do ato ou do agir para expressar suas emoções, conflitos, sexualidade... sendo uma das linguagens mais utilizadas nesta fase.

Botbol (2013) entende que o adolescente é levado a exportar para o seu ambiente aquilo que não consegue mais tolerar no seu espaço interno e que ele o faz por meio de seus atos. No entanto, diferentemente do bebê que age na busca da presença do outro, o adolescente não consegue suportar facilmente a presença que estes atos induzem, de modo que ele é compelido a agir ainda mais, para se desvencilhar da dependência que ele sente ou, pelo menos, para ignorá-la ativamente. Se não conseguir ou se a resposta do meio for muito inadequada, o adolescente se encontrará, então, na situação típica de um bebê abandonado, que se vê entregue à sua destrutividade percepto-motora por falta de uma resposta adequada do ambiente aos seus apelos.

A importância da agressividade: Golse refere *três tipos de agressividade que se intrincam progressivamente: primeiro a de viver (a “violência fundamental”, de Bergeret, 1984); em seguida, uma agressividade de verificar*

a solidez e a confiabilidade do objeto (Winnicott, 1969) e, por fim, uma agressividade edipiana que visa evacuar, senão destruir, o terceiro.

Segundo diferentes autores, os bebês e os adolescentes partilham do tipo de agressividade que tem por finalidade bem mais testar a resistência e a tranquilidade do objeto do que destruí-lo.

Neste ponto, retomo os primeiros estudos de Freud sobre os instintos de destruição, examinados nos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), em que o autor discute o surgimento dos “instintos componentes” ou “parciais” do instinto sexual. Considera que o sadismo se torna independente e exagerado e, por deslocamento, usurpa a posição dominante. Reexaminando posteriormente suas ideias, Freud reconheceu que os “impulsos de crueldade” surgem de fontes que são, na verdade, independentes da sexualidade, mas que podem unir-se a ela num estágio prematuro.

Voltando, a este “estágio prematuro”, penso que cabe referir aqui o texto “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”, no qual Winnicott (1969) explica que é a pulsão destrutiva que cria a qualidade da exterioridade, e que é esta qualidade de “estar sendo sempre destruído” que faz com que o objeto sobrevivente possa ser sentido como tal, fortalecendo o tom do sentimento e contribuindo para a constância objetal. Para ele, a destruição do objeto, na fantasia inconsciente do bebê, repetidas vezes, facilita a descoberta, de novo, do objeto. O autor relaciona estas vivências primitivas com uma característica adolescente, uma vez que, para este, o bom não é o que é entregue pela benignidade dos pais, mas sim o que é forçado pela destrutividade do adolescente. Para Winnicott, a qualidade viva “destrutiva” do indivíduo é simplesmente um sintoma do estar vivo e nada tem a ver com a raiva ou com as frustrações que pertencem ao encontro do princípio da realidade. Portanto, a tarefa dos pais e da sociedade é de sobrevivência, e isto inclui a sobrevivência do objeto com a qualidade de não retaliação - a destruição desempenhando um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (*self*).

Embora esteja me referindo ao bebê, considero importante retomar, na teoria freudiana, a questão do Complexo de Édipo, uma vez que estou pensando, paralelamente, no adolescente. Garcia-Roza (1995) compreende que a interdição do incesto, enquanto regra universal, é o que torna possível uma teoria do Complexo de Édipo. Por outro lado, diz ele, a questão do Édipo e a interdição do incesto são impensáveis se não houver o pai ou, melhor, a função do pai. O que Freud nos mostrou é que não há pai sem o assassinato do pai (tema central de “Totem e Tabu”, 1913). O autor entende, assim, que após o assassinato, surge o sentimento de culpa, e que o pai morto se torna mais forte do que fora quando vivo. Os filhos anulam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai, e renunciam aos seus frutos abrindo mão das mulheres agora libertadas. Com isso, criam os dois tabus fundamentais do totemismo, os quais correspondem aos dois desejos recalçados do complexo de Édipo: o parricídio e o incesto. Sendo o superego o herdeiro do complexo de Édipo.

Segal (1979), em seu artigo “As discussões polêmicas”, faz uma retomada das ideias de Freud e Klein, apontando as divergências fundamentais entre suas teorias. Destaca que Klein se afasta dos pontos de vista de Freud, principalmente, no que diz respeito à datação do complexo de Édipo e do superego, da formação do superego e da concepção da sexualidade feminina. A questão fundamental é a importância que Klein atribui aos objetos internos, sendo o conceito de fantasia inconsciente central em sua teoria, diferentemente de Freud, que fez escasso uso deste conceito e quando se refere ao mesmo, considera-o um fenômeno algo tardio.

A importância do corpo: *É o corpo que toma ou retoma, em bebês e adolescentes, um lugar central, o coração dos processos de subjetivação, simbolização e semiotização. O corpo e a psique – em intrincação extremamente estreita – podem tornar-se fonte de impotência ou de vergonha, objetos de ódio ou renúncia.*

Winnicott (1988) refere que a localização da psique no corpo é algo a ser alcançado, e que a pele possui uma grande importância neste processo, exatamente no e dentro do corpo, por isso, o manuseio da pele no cuidado do bebê é um fator importante no estímulo a uma vida saudável dentro do corpo, da mesma forma como os modos de segurar a criança (*handling*) auxiliam o processo de integração. Winnicott destaca que não existe uma identidade inerente entre corpo e psique, pois do ponto de vista do indivíduo em desenvolvimento, o *Self* e o corpo não são intrinsecamente superpostos, embora, para haver saúde, seja necessário que esta superposição se torne um fato, para que o indivíduo venha a poder identificar-se com aquilo que, estritamente falando, não é o *self*. Gradualmente, a psique chega a um acordo com o corpo, de tal modo que, eventualmente, ocorre um estado no qual as fronteiras do corpo são também fronteiras da psique. Sabe-se que as experiências tranquilas e excitadas dão, cada qual, a sua contribuição para que o processo de localização da psique no corpo se produza a partir de duas direções - a pessoal e a ambiental: a experiência de impulsos e sensações da pele, de erotismo muscular e instintos envolvendo excitação da pessoa total, e também tudo aquilo que se refere aos cuidados do corpo, à satisfação das exigências instintivas que possibilita a gratificação. Quando a experiência instintiva é deflagrada em vão, causando desarmonia pelo excesso ou pela falta, o vínculo entre a psique e o corpo pode vir a se afrouxar ou até mesmo a se perder. Esse relacionamento, no entanto, retorna com o tempo, desde que haja uma boa base para o manejo tranquilo do bebê.

Golse (2000) considera que a questão da bissexualidade psíquica se coloca igualmente, nestas duas idades da vida, dado que se encontra em elaboração na criança pequena e que se vê questionada no adolescente, cujo acesso a um corpo definitivamente sexuado vai, por vezes, traduzir-se num verdadeiro colapso.

Em seu “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud refere-se ao conceito de bissexualidade. Ele reconhece que, em muitos casos,

(...) o objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher [...] é, por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual (p 137).

O adolescente oscila entre o medo e o desejo de contatos corporais com o outro, mostrando-se ambivalente quanto à necessidade de afeto e carinho, necessitando que o adulto saiba respeitar esta intermitência. Como os bebês, os adolescentes têm a particularidade de suscitar a criação de laços ao redor deles e também de atacar, às vezes, brutalmente estes mesmos laços.

Segundo Levy (2011), a emergência do corpo sexualizado da adolescência, capaz de consumir o incesto, diferentemente do corpo erótico da infância, lança o adolescente na busca de novos objetos que, num primeiro momento, passa a ser o próprio corpo, nesta reorganização pulsional que vai do autoerotismo ao amor objetal. Então, sobre este fundo de regressão narcisista, a destrutividade segue este mesmo percurso. Os frequentes atentados à pele, das tatuagens aos *piercings* e às automutilações, ilustram o quanto este remanejamento do investimento corporal é marcado pela destrutividade e pela agressão. Os rituais de iniciação na adolescência, geralmente, envolvem riscos à integridade física, que fazem, seguidamente, o adolescente pagar com seu próprio corpo. Neste sentido, os rituais encontrados na cultura vão ao encontro do movimento psíquico do adolescente e o organizam. O autor está de acordo com Winnicott (1963), ao descrever a importância da agressividade na constituição do objeto, na medida em que este sobrevive aos ataques do sujeito. Refere que, na adolescência, o corpo é tomado como objeto e, novamente, volta a ter um papel importante: o adolescente “brinca” com seu corpo, investindo-o sexual e agressivamente.

A crucial etapa de separação-indivuação: Mahler (1982) entende o “nascimento psicológico” como um processo que conduz o indivíduo à construção de sua identidade. Postula que a separação consiste na dissolução da fusão simbiótica com a mãe, enquanto a individuação se constitui pelas aquisições que marcam o surgimento da criança com suas características individuais próprias.

Tustin (1987) conceitua “ritmo de segurança”, expressão surgida a partir da análise de uma paciente com dificuldades de enfrentar términos e separação. Ela examina a relação mãe-bebê, dando especial ênfase à amamentação, a qual se revela uma experiência dual em que, a partir do ritmo do bebê e a partir do ritmo da mãe, um novo ritmo se desenvolve. Quando tudo vai bem, através desta cocriação, um ritmo sincronizado emerge. O “ritmo de segurança” aponta para o sentido de um reconhecimento do outro como separado e diferente. Tustin escreve que

(...) um ritmo regular, isto é, um ritmo que vai além das práticas restritivas exclusivamente egocentradas, oferece a possibilidade para experimentar, ao mesmo tempo e com segurança, os contrários, de modo que possam se modificar e se transformar mutuamente. Nasce o intercurso criativo (p.30).

O primeiro passo no sentido da separação (Mahler, 1993) é dado por ocasião do desmame/separação do corpo da mãe, seguindo através do desenvolvimento até a individuação, com a percepção do eu e não-eu ou do eu e o outro.

Blos (1985) refere que testemunhamos, na adolescência, um segundo grande passo para a separação-individuação, sendo, porém, mais complexo, no sentido da conquista de um senso de identidade. Antes que o adolescente possa consolidar essa formação, ele tem de passar pelas etapas da autoconsciência e da existência fragmentada. O autor considera que os impulsos de oposição, de rebeldia e de resistência, as etapas de experimentação, as provas a que o eu é submetido pela prática de excessos, têm uma utilidade positiva no processo de autodefinição - "Isso não sou eu" representa um passo importante na realização da individuação e no estabelecimento da autonomia.

Golse (2000) coloca que pensar sobre as identificações adesivas (Meltzer, 1975), que fazem parte das fases primitivas do desenvolvimento do bebê, pode clarear nossa compreensão de certos fenômenos observados nos adolescentes, como o da importância dos grupos. As noções de envelope grupal (como um continente) e de adesividade (fisiológica ou patológica) revelam-se muito úteis para dar conta do papel dos grupos no sentimento de existir nos adolescentes.

Blos (1985) considera que, na adolescência, ocorre a segunda fase do processo de "dessimbiotização", necessária para que se alcance um estado de autonomia e emancipação. Assinala que desarmonias poderão levar o adolescente a uma persistência ou abandono prematuro em relação ao objeto interno primitivo. Quando as identificações projetivas ocupam o espaço do pensar e tornam o outro depositário de aspectos seus, atuam de modo controlador sobre o objeto. Quando, pelo contrário, ocorre uma desconexão rápida dos objetos primitivos, podem surgir profundos sentimentos de "vazios". Kancyper (1990) salienta que, nestes processos de desidentificação e reidentificação, há uma liberação da pulsão de morte, que pode sofrer diferentes destinos - de destrutividade ou de ruptura para criar algo novo. No processo de consolidação do verdadeiro *self*, o esperado é que o adolescente possa se desvencilhar das identidades mais primitivas e se reidentificar a partir da escolha de novos objetos.

Para finalizar, compartilho com os leitores o sonho de um adolescente, de 16 anos, o qual ilustra as considerações teóricas que procurei desenvolver:

"Sonhei que eu tinha, no bolso, algo parecido com um cartão de crédito. Ele me dava poderes mágicos e o que eu pensasse ou desejasse tornava-se realidade. No meu sonho, eu voava e levitava, criava dinheiro a partir do nada, fazia surgir comidas e, se eu quisesse, podia até explodir pessoas. Ao final do sonho, o cartão não funcionava muito bem, pois não consegui muito dinheiro, recebi umas poucas notas. Descobri que existiam outros magos. Lembro de ter sido

perseguido e me escondido em um sótão, onde tinha um livro muito estranho que eu tinha que decifrar.”.

Considerações finais

Seguindo no rumo do sonho do adolescente, proponho-me a fazer algumas associações com as questões levantadas ao longo deste trabalho. Por que trazer um sonho? Porque o sonho condensa passado e presente e flerta com o futuro; o sonho indica que existe vida, movimento, trabalho interno. Foi sobre este potencial que procurei falar através dos bebês e dos adolescentes. Embora os sonhos possibilitem muitas interpretações, podemos observar, através deste sonho ilustrativo, as questões que povoam o mundo interno de um adolescente: vivências infantis; a presença da oralidade; a intensidade das pulsões agressivas e sexuais; a passagem do princípio do prazer e do pensamento mágico para o princípio da realidade; a conflitiva edípica e as ansiedades de castração; a onipotência infantil e adolescente que se misturam... O jovem parece estar em busca da elaboração de seus conflitos, descobrindo que, para isso, terá que entrar em contato com seus conteúdos internos, decifrá-los para, então, compreendê-los.

E assim, após ter transitado desde as interações precoces até a adolescência, penso que um dos pontos a ser comentado é a questão da importância das pulsões e das relações objetais, tema de várias controvérsias teóricas. Contudo, estou de acordo com Golse (2000) quando ele afirma que “mais ainda, que em qualquer outra idade da vida, nos bebês e nos adolescentes, é absolutamente ilusório querer opor a teoria das pulsões e as teorias das relações de objeto. A pulsão sem objeto é um mito, o objeto sem investimento pulsional é um engodo” (p. 86). Para reforçar sua posição, busca subsídios em Bollas (1992) o qual mostrou que o verdadeiro *self* ou o idioma de cada sujeito só pode-se constituir e ser desvendado na interface das pulsões e do objeto.

Também considerando a importância da nossa prática clínica, no que se refere à psicoterapia, Golse (2000) conclui que os bebês e os adolescentes nos reclamam um triplo nível de escuta (Ferro, 1997): um nível histórico freudiano, um nível fantasmático kleiniano e um nível bioniano que se centra sobre o aqui e agora da relação terapeuta-paciente. Acrescento a estes o nível winnicottiano, baseado no *holding*, na transicionalidade e na sobrevivência do objeto.

E de tudo que podemos aprender com estas diferentes etapas do desenvolvimento, a questão não é confundir a problemática dos bebês e a dos adolescentes, mas apenas tentar mostrar que cada uma dessas idades da vida é suscetível de esclarecer a outra, em uma dinâmica espiral e de duplo sentido que se encontra no seio da teoria freudiana do *a posteriori*.

Portanto, como diz Golse (2000), o adolescente e o bebê estão profundamente confrontados com os efeitos do encontro, que fazem de seus desenvolvimentos um destino aberto, e não uma fatalidade mais ou menos previsível. É todo

um mundo de possibilidades que se abre perante eles, sendo a adolescência uma nova chance de tornar a pôr em jogo fases anteriores do desenvolvimento.

Assim, sinto-me em sintonia com os autores que pensam que estudando o desenvolvimento do bebê, seja através da observação direta ou da teoria, podemos enriquecer nossa compreensão da dinâmica da adolescência.

Para concluir, volto ao conto que inaugura o trabalho:

“O mundo é isso - revelou - Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais.”.

E assim são os bebês e os adolescentes, cada qual com seu temperamento e com sua história, dignos de serem respeitados em suas individualidades.

Referências

- Akhtar, S. (2007). Primeiros relacionamentos e sua internalização. In E. Person, A. M. Cooper, G. Gabbard. *Compêndio de Psicanálise*. Artmed.
- Blos, P. (1985). *Adolescência – uma interpretação psicanalítica*. Martins Fontes.
- Bollas, C. (1992). *Forças do Destino*. Imago.
- Botbol, M. (2013). Psicopatologia da violência de adolescentes difíceis: no âmago de situações iniciadas precocemente. *Psicanálise SBPdePA*, 15(1), 23-37.
- Cramer, B.; Palacio-Espasa, F. (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê*. Artes Médicas.
- Ferro, A. (1997). A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: Da relação ao campo emocional. Imago.
- Freud, A. (1986). *O ego e os mecanismos de defesa*. Civilização Brasileira.
- Freud, S. (1905). Os três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7)*. Imago, 2006.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14)*. Imago, 2006.
- _____. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol.21)*. Imago, 2006.
- _____. (1927). O futuro de uma Ilusão. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol.21)*. Imago, 2006.
- Galeano, E. (2002). *O Livro dos Abraços*. L&PM.
- Garcia-Roza, L. (2008). Artigos de Metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque e inconsciente (1914-1917). In *Introdução à metapsicologia freudiana (Vol. 3)*. Zahar.
- Golse, B. (2000). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (1990). Adolescencia y desidentificación. *Revista de Psicoanálisis*, 47(4), 750-760.
- _____. (2007). *Adolescencia: el fin de la ingenuidade*. Lumen.

- Levy, R. (2011). *Adolescência: libido e destrutividade na construção do senso de existência* [Apresentação de Trabalho]. Congresso Brasileiro de Psicanálise, Ribeirão Preto.
- Mahler, M. (1993). *O nascimento Psicológico da Criança: simbiose e individuação*. Artes Médicas.
- Meira, A.C. (2013). *Investimentos mortíferos: história de captura entre mãe e filha* [Apresentação de Trabalho]. CEP-PA.
- Meltzer, D. (1975). *O processo psicanalítico. Da criança ao adulto*. Imago.
- Roussillon, R. (2006). *À l'écoute du bébé dans l'adulte*. In Dugnat, M. *Les Emotions du bébé*. Hors collection.
- _____. (2007). *Le modèle du bébé et la question des expériences primitives*. In Joly, F. *Sa Majesté le bébé*. Érès.
- Segal, H. (1979). *The controversial discussions*. In Klein, M. *Sussex*. Harvest Press,.
- Tustin, F. (1988). *O ritmo de segurança*. *Jornal de Psicanálise*, 21(43), 25-37.
- Winnicott, D.W. (1945). *Desenvolvimento emocional primitivo*. In D.W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Francisco Alves.
- _____. (1975). *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações*. In D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Imago.
- _____. (1988). *Human Nature*. Free Association Books.
- _____. (1994). *Sobre o uso de um objeto*. In D.W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas.
- _____. (1994). *A experiência mãe-bebê de mutualidade*. In D.W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Artes Médicas.